

Alon Nouriel via Wikimedia Commons

CORREIO NO MUNDO

Daniel Torok/ Casa Branca



Trump destacou amizade e disse que terão futuro juntos

Trump tenta agradar a Xi em encontro em Pequim

Enquanto o presidente dos EUA, Donald Trump, chamava de “amigo” o líder do regime chinês, Xi Jinping, o homólogo fez questão de reiterar que a relação entre os países deve ser baseada em ganhos mútuos e que, se a questão Taiwan for lidada por Washington de forma inadequada, haverá conflitos. Os mandatários se encontraram em Pequim na manhã de quinta (14) no horário local, para reunião bilateral e outros compromissos oficiais da visita de Estado do americano à capital chinesa. Em seguida, visitaram o Templo do Céu, um cartão-postal da capital chinesa, que tem simbolismo especial em visitas de Estado, por ser conhecido como o local onde imperadores pediam a bênção dos deuses para boas colheitas.

Líderes têm “uma relação fantástica”

Os líderes também jantaram juntos em um banquete de Estado, momento em que Trump convidou Xi para visitar Washington em setembro. “Nós construímos uma relação fantástica. Nós nos demos bem. Quando houve dificuldades, nós as resolvemos. Eu ligava para você, e você ligava para mim, e sempre que tínhamos um problema —as pessoas não sabem disso—, nós o resolvíamos muito rapidamente”, disse o americano.

Wilson Dias/Agência Brasil



Xi Jinping irá a Washington em setembro deste ano

Xi Jinping quer “evitar armadilha”

Pouco antes, o chinês já havia afirmado que os países devem evitar a “armadilha de Tucídides”, um conceito que descreve a tendência de guerra quando uma potência emergente desafia a dominante. Ao trazer a referência, Xi questionou se China e Estados Unidos seriam capazes de superar tal teoria e criar um novo modelo de relações entre potências. “A China e os Estados Unidos têm a ganhar com a cooperação e a perder com o confronto. Devemos ser parceiros, não rivais. Nós devemos ajudar um ao outro a prosperar, e prosperar juntos”, disse.

Taiwan entrou em pauta na reunião

Em entrevista coletiva em Pequim, o porta-voz do Ministério das Relações Exteriores, Guo Jiakun, afirmou que os americanos devem ter “cuidado extra ao lidar com a questão Taiwan”. “O presidente Trump entende as questões, e entende a sensibilidade das questões ao redor de tudo disso. Quem diz o contrário não entende o estilo de negociação de Trump”, afirmou.

Por Victoria Damasceno (Folhapress)

Renúncia

O secretário da Saúde do Reino Unido, Wes Streeting, renunciou ao seu cargo na quinta-feira (14), após rumores de que o faria, aumentando a possibilidade de um desafio formal à liderança do primeiro-ministro Keir Starmer sobre o Partido Trabalhista. Segundo a carta, ele não é a favor de uma disputa imediata.

Carta aberta

“Agora está claro que o senhor não liderará o Partido Trabalhista nas próximas eleições gerais e que os parlamentares e sindicatos trabalhistas querem que o debate sobre o futuro seja uma batalha de ideias, não de personalidades ou faccionalismo mesquinho”, disse Streeting, direcionado a Starmer, em sua carta.

Debate amplo

“É preciso que seja um debate amplo, com os melhores candidatos possíveis. Apoio essa abordagem e espero que o senhor a facilite.” Streeting sinalizou que não está lançando uma candidatura à liderança do partido, pelo menos por enquanto. Ele não sugere cronograma para quando gostaria que a disputa acontecesse.

Andy Burnham

“Não agora, mas em breve, depois que Burnham tiver a chance de disputar uma eleição suplementar”, diz em referência a Andy Burnham, prefeito de Manchester. O desafio formal à liderança de um partido no Reino Unido é um processo que muda de legenda para legenda. No caso do Partido Trabalhista britânico.

Votação

Um parlamentar da sigla que queira contestar a liderança precisa ser apoiado por 20% dos eleitos do partido —atualmente, 81. Uma vez iniciado o processo, qualquer parlamentar da sigla que conseguir esse número de apoios entra na cédula —Starmer automaticamente estará incluído se não renunciar.

Redistribuição

Afiliação do partido votam em um sistema de preferência, elencando entre os candidatos quem é sua primeira preferência, depois sua segunda preferência, e assim por diante. Vence o pleito quem tiver mais de 50% das primeiras preferências; se ninguém obtiver a marca, os últimos são excluídos, e os votos são redistribuídos.



Ministro aprovou a pena de morte por enforcamento

Ministro de Israel promove a radicalização política

Ben-Gvir ganhou ministério ao compor coalizão por Netanyahu

Diego Bercito (Folhapress)

Itamar Ben-Gvir, ministro israelense da Segurança Nacional, festejou seus 50 anos no início do mês. No bolo de aniversário havia o desenho de uma forca. Era o símbolo de uma das bandeiras de sua gestão: a pena de morte por enforcamento para palestinos condenados por terrorismo. A cena foi criticada no país e no exterior. “Tivemos outras figuras radicais de direita antes, mas nunca em posições tão proeminentes”, diz Guy Ben-Porat, professor de ciência política na Universidade Ben-Gurion do Negev. “Ele normalizou discursos antes tidos como inaceitáveis.”

Outro episódio polêmico ocorreu na segunda (11), após a União Europeia impor sanções contra colonos israelenses na Cisjordânia. Ben-Gvir reagiu chamando o bloco europeu de antisemita e prometendo seguir construindo assentamentos naquele território.

Descendente de judeus iraquianos, Ben-Gvir nasceu em Mevaseret Zion, a oeste de Jerusalém. Radicalizado durante o levante palestino conhecido como Primeira Intifada (1987-1993), passou a militar em grupos ultranacionalistas.

Identificava-se, em especial, com o chamado kahanismo. Esse movimento defendia, entre outras coisas, a expulsão violenta dos árabes de Israel. O grupo foi banido em Israel e chegou a ser considerado uma organização terrorista pelos Estados Unidos.

Durante grande parte de sua carreira, Ben-Gvir foi relegado às margens pela classe política. O primeiro-ministro Binyamin Netanyahu costumava esperar que Ben-Gvir descesse do palco antes de subir, recusando-se a ser visto ao lado dele. Nos últimos anos, no entanto, ele ganhou cada vez mais relevância.

Fortaleceu-se com um discurso pró-segurança e pró-armas, encontrando aliados no país. Nas eleições de 2022, seu partido, a Força Judaica, obteve seis assentos em um total de 120 do Parlamento, o Knesset. Não era suficiente para governar, mas o sistema fragmentado de Israel acabou por ajudá-lo.

Aqueles seis assentos, afinal, fariam com que Netanyahu conseguisse formar uma maioria para governar. Por isso, convidou Ben-Gvir para sua coalizão —e, em troca, deu-lhe a pasta da Segurança Nacional. “Foi Netanyahu, no final das contas, quem o legitimou”, afirma Ben-Porat.

O próprio partido de Netanyahu, o Likud, moveu-se mais à direita nos últimos tempos, afirma o professor. Um indício disso é o número de membros da sigla que agora aparecem ao lado de Ben-Gvir.

Uma vez no governo, Ben-Gvir endureceu as medidas contra o crime e o terrorismo. “Promove as pessoas com base na lealdade delas, não no mérito”, afirma o especialista. O ministro facilitou ainda a aquisição de armas e a formação de milícias em assentamentos judaicos na Cisjordânia.